

Escola da Ceilândia é o sinônimo da precariedade

Paredes rachadas ou ameaçando desabar e falta de segurança e até de água, inclusive para a limpeza dos banheiros, transformaram as aulas no Centro de Ensino de 1º Grau 12, na Ceilândia num verdadeiro martírio para 2 mil e 100 alunos. Os problemas existem desde o ano passado, lembra o diretor Gilberto Alvez Barbosa, "mas se agravaram a partir da semana passada, quando tivemos de reduzir o tempo das aulas em cinco minutos pois ninguém suportava o cheiro dos banheiros".

Barbosa conta já ter encaminhado diversas correspondências à Fundação Educacional, relatando a situação vivida pelo estabelecimento e colocando cópias das cartas enviadas pela diretora anterior. Até agora, a única resposta positiva foi extra-oficial, dando conta de que a Fundação aguarda recursos para

uma reforma completa.

Em uma das salas utilizadas para aulas da 7ª série, 40 alunos chegam a correr risco de vida. Cerca de dois metros da parede ameaçam ruir a qualquer momento. Acostumados com o perigo, os alunos já fazem desdém do problema. A professora de OSPB, Maria Ferreira, disse contar com a colaboração dos estudantes, que evitam correr na sala ou tocar no local. "Um engenheiro da Fundação Educacional examinou a obra em 1988, mas garantiu não haver ameaças", disse ele, quando o diretor tocava nos tijolos soltos para mostrar o ocorrido.

LIMPEZA

Para limpar os quatro banheiros, é preciso impedir o uso por várias horas, já que as quatro bombas de recalque de água do colégio estão estragadas e a rede da Caesb não tem

pressão suficiente para encher a caixa, com capacidade para 3 mil litros. "Há vezes em que é impossível utilizá-los porque pode dar até doença", comentou a estudante Leide Monteiro, acrescentando que as meninas "precisam contar com a boa vontade dos vizinhos de vez em quando". Como para os homens é mais fácil contornar o problema, eles só reclamam mesmo é do mau cheiro e da imundície, "pois muitos acabam fazendo no chão", falou Márcio Rogério Silva Rodrigues. "O estado dos banheiros — analisa a professora de OSPB — leva as crianças a não saber mais usá-lo".

Na cantina, o quadro não é diferente. As paredes estão sem a maior parte dos azulejos, plias soltas e os sifões furados obrigam os servidores a inventar de tudo para evitar os vazamentos.